

A INTER(AÇÃO) DOS/AS JOVENS ESTUDANTES DO CAMPO NUMA ESCOLA DA CIDADE: PERFIS IDENTITÁRIOS E A DIVERSIDADE

Edilânia de Paiva Silva
Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Emanuela Oliveira C. Dourado
Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo: Este artigo pretende apresentar contribuições da pesquisa realizada, colaborativamente, com os/as jovens estudantes do campo que estudam numa escola da cidade, vinculada ao Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A pesquisa tem por objetivo compreender como os/as jovens constituem as suas identidades culturais e como essa diversidade se manifesta no cotidiano escolar. Os aportes teóricos se referenciam nos diálogos sobre a juventude e debates interculturais, assim como nos pressupostos pós-críticos em educação, agregando estudos das vertentes pós-estruturalistas, estudos culturais e pós-coloniais. Para orientar a pesquisa, tomou-se como base metodológica a abordagem qualitativa, através da Etnopesquisa, pelo contato direto com a situação estudada e a realidade vivenciada pelos/as jovens estudantes em seus contextos socioculturais e tem, no questionário, na observação participante e tertúlias dialógicas culturais os dispositivos de levantamento e construção das informações junto aos/às participantes. Entre alguns resultados, o estudo contribuiu para dar visibilidade às/os jovens estudantes como possuidores de culturas próprias, como um conjunto híbrido de expressões e práticas socioculturais inseridas em contextos marcados pela diversidade.

Palavras chave: Diversidade. Identidade cultural. Juventude.

Notas Iniciais

A sociedade contemporânea convive com um novo cenário, no qual as tecnologias comunicacionais, sobre influência da globalização, estão cada vez mais presentes na vida e nas relações entre as pessoas e em suas práticas cotidianas. Os efeitos dessa revolução cultural e informacional sobre as sociedades globais geram inúmeras mudanças sociais afetando as estruturas políticas e econômicas e transformando os padrões de produção e consumo. Simultaneamente, produzem novas identificações globais e locais relacionando-se a seu papel constitutivo na formação de identidades e subjetividades.

Aliada a este processo de mudanças, os modos de fazer ciência são questionados pelo movimento de rupturas paradigmáticas, ao longo do século XX, impulsionando os/as pesquisadores/as sociais a se mobilizarem em busca de novos processos investigativos e novas formas de entender e explicar o mundo. Desse modo, os princípios da tradição clássica

moderna estavam em xeque e, “[...] todo o conjunto de certezas que constituíram os pilares do pensamento moderno estaria entrando em crise”. (COSTA, 2007, p. 143).

A ciência moderna esteve sempre impregnada de racionalidade científica que, apoiada pelas ciências naturais, definiu os pressupostos da objetividade, uso de métodos neutros e universais e a crença de que somente aquilo que pudesse ser comprovado cientificamente era verdadeiro. Esta herança histórica da tradição positivista e do racionalismo cartesiano colocava o sujeito como prisioneiro do ideal humanista, um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação.

De fato, a crise da modernidade, no campo da demanda científica, abriu espaços para aceitação de novos referenciais para a explicação do mundo e para uma nova concepção de ciência, colocando em crise conceitos como razão, verdade e totalidade. Nesta perspectiva, a partir da década de 1990, os debates teóricos foram marcados pelas teorias pós-críticas e categorias do pensamento pós-moderno que rejeitam a concepção de sujeito humanista, a existência de um sujeito universal.

Desse modo, este estudo se insere nas teorizações pós-críticas em educação, agregando estudos das vertentes pós-estruturalistas, estudos culturais e pós-coloniais, os quais inserem as temáticas da identidade e da diferença como questões centrais nas discussões contemporâneas. O diálogo teórico com autores/as que posicionam as identidades/diferenças como produções sociais e culturais são fundamentais e, assim, destacamos neste trabalho, S. Hall (2015) e Z. Bauman (2005), alinhados ainda, com os estudos de Silva (2014) e Woodward (2014), para os quais este assunto assume papel central na análise.

O interesse em investigar as identidades dos/as jovens estudantes do campo surge da prática profissional de uma das autoras que, ao atuar como coordenadora pedagógica numa escola de ensino médio observa a insegurança da maioria dos/as profissionais para o trabalho com a diversidade presente no espaço escolar. Em momentos de reuniões pedagógicas durante as atividades complementares, surgem muitos relatos de situações que demonstram as dificuldades enfrentadas, como: “os/as estudantes apresentam dificuldades de aprendizagem e não dominam as habilidades básicas, usam o celular o tempo todo e não prestam atenção nas aulas”, entre outros.

Assim, dadas às preocupações elencadas, a pesquisa levanta as seguintes questões: - Quem são esses/as jovens estudantes e quais são suas necessidades e expectativas no contexto sociocultural onde vivem? - Quais as dimensões da diversidade marcam o perfil desses/as estudantes e de que forma se manifestam na escola? - Quais aspectos constituem os universos

socioculturais desses/as jovens estudantes? Considerando tais questões, a investigação teve como objetivo compreender como se constitui a identidade cultural dos/as jovens estudantes do campo e como se expressam as diferentes dimensões da diversidade na escola da cidade.

O estudo é de natureza qualitativa e considera a perspectiva proposta por Minayo (2008), quando afirma que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações” (MINAYO, 2008, p. 21). Para desencadear a construção das informações, a investigação contou com os seguintes dispositivos: questionário, tertúlias dialógicas culturais e observação participante de situações e cenas no âmbito da instituição escolar.

Desse modo, o presente texto é composto por dois tópicos distintos e complementares, os quais apresentam contribuições da investigação realizadas com os/as jovens estudantes do campo. O primeiro tópico apresenta o trabalho investigativo realizado com os/as participantes da pesquisa, enquanto que o segundo mostra a caracterização identitária e a expressão da diversidade dos/as jovens estudantes, a fim de apontar indicativos para que a instituição escolar repense suas práticas pedagógicas.

1 O processo investigativo com os/as participantes e a questão identitária

A juventude é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais (etnia, identidade religiosa), de gênero e até geográficas (local de moradia), dentre outros aspectos. Assim, considera-se que os/as jovens estudantes têm identidades múltiplas derivadas das relações sociais e históricas, com especificidades que marcam a vida de cada um no conjunto das experiências vivenciadas em seus contextos socioculturais.

O presente texto pretende apresentar a fase exploratória da pesquisa com as informações construídas a partir do questionário respondido pelos/as jovens estudantes do campo no período de dezembro/2017. Por meio da aplicação dos questionários, nas três turmas da primeira série do ensino médio regular, no turno vespertino, esta etapa teve por finalidade conhecer a diversidade cultural dos/as estudantes, bem como selecionar os/as participantes da pesquisa para as próximas etapas investigativas.

Nessa proposta, a elaboração das questões levou em conta os aspectos que dessem conta do objetivo proposto. As perguntas foram organizadas em quatro partes, considerando a afinidade entre elas, com os seguintes grupos de temas: I – Informações pessoais; II –

Situação familiar e aspectos socioeconômicos; III – Mídia e acesso à cultura e lazer; IV – Educação. Estes grupos de temas buscaram coletar, além das informações pessoais: se os/as jovens estudantes moram em casa própria ou não, com quem moram, como é a vida no campo, o que fazem, se têm acesso à internet e em qual local, o que mais acessam, se usam a internet para auxiliar nas atividades escolares; quais os conteúdos que mais buscam na internet, se a escola faz relação com seus saberes e vivências, quais as disciplinas que tem maior afinidade e as que sentem mais dificuldades e o que projetam para o futuro, entre outras.

Do total de 77 estudantes que chegaram ao final do período letivo na 1ª série do Ensino Médio (EM) regular, turno vespertino, 68 responderam ao questionário, conforme informações da tabela 1 abaixo.

Tabela 01. Questionários aplicados às/os jovens estudantes da 1ª série do EM regular, turno vespertino, 2017.

SITUAÇÃO	1ª série A		1ª série B		1ª série C		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
Matrícula final	08	21	11	12	11	14	77
Faltaram na aplicação	-	02	02	02	01	02	09
Questionários aplicados	08	19	09	10	10	12	68
Total de alunos	29		23		25		77

Fonte: Dados da pesquisa, Questionário, 2017.

Faz-se necessário esclarecer que, para evitar constrangimentos, os/as estudantes que residem na sede do município não foram impedidos/as de preencherem o questionário, porém, na etapa de análise das informações, tais estudantes foram identificados/as e retirados/as do grupo de participantes da pesquisa, o que fez reduzir de 68 para 54, visto que 14 estudantes moram na cidade e não estavam nos critérios de inclusão da pesquisa.

Considerando que os/as jovens estudantes pesquisados/as estão inseridos em diversos universos culturais, tal fato exige deles que assumam diferentes identidades, as quais podem mudar de acordo com o contexto social onde eles/as se inserem, bem como pelas posições que assumem e se identificam. Bauman (2005) observa que em décadas passadas, a identidade não estava no centro dos debates teóricos, no entanto, atualmente, “é o ‘papo do momento’, um assunto de extrema importância e em evidência” (BAUMAN, 2005, p. 22-23). Nesta perspectiva, o mesmo autor afirma que “identificar-se com...” significa dar abrigo a um destino desconhecido que não se pode influenciar, muito menos controlar.

Por muito tempo, as teorias sociais e culturais consideraram o sujeito como o centro dos processos sociais, um sujeito racional, centrado, homogêneo e universal que atendia uma identidade fixa, centrada e permanente. As questões da identidade ganham maior aprofundamento, a partir dos estudos de S. Hall (2015) que, ao afirmar que estamos vivenciando uma “crise de identidade”, argumenta que o sujeito é composto por várias identidades, sendo estas diversas, múltiplas e plurais e, estão em constante movimento.

Ao abordar sobre como as identidades são produzidas, Woodward (2014) afirma a identidade e a diferença não são categorias opostas, ao contrário, são dependentes uma da outra. Silva (2014) reafirma esta posição quando explicita que elas estão em uma relação de interdependência, ou seja, são inseparáveis. A identidade e a diferença são consideradas por Silva (2014) como construções sociais e culturais, pois se (trans)formam continuamente, sofrendo a influência das formas como é representada ou interpretada nos/pelos diferentes sistemas culturais, dos quais os sujeitos fazem parte. O autor faz uma síntese descrevendo a identidade.

[...] Primeiramente, a identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato - seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2014, p.96).

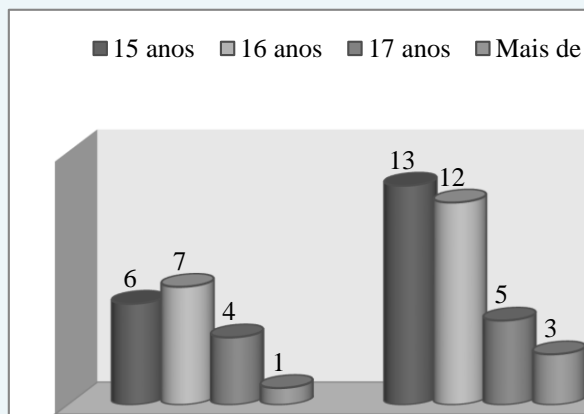
A análise das informações coletadas nos questionários preenchidos pelos/as estudantes das três turmas foi feita de forma conjunta, constituindo um Perfil sociográfico dos/as participantes, a partir da expressão de sua diversidade e, será apresentado a seguir.

2 A expressão da diversidade dos/as jovens estudantes do campo: perfil sociográfico

A proposta de constituição desse perfil sociográfico utilizou algumas questões, considerando as respostas dos/as 54 jovens estudantes que residem em comunidades do campo. Dos/as jovens estudantes que preencheram o questionário, 38 tinham idade entre 15 e 16 anos, 12 estudantes na faixa etária de 17 e 18 anos, e 04 com idade superior a 18. Considerando o sexo informado por eles/as, tem-se 35 estudantes do sexo feminino e 19 do

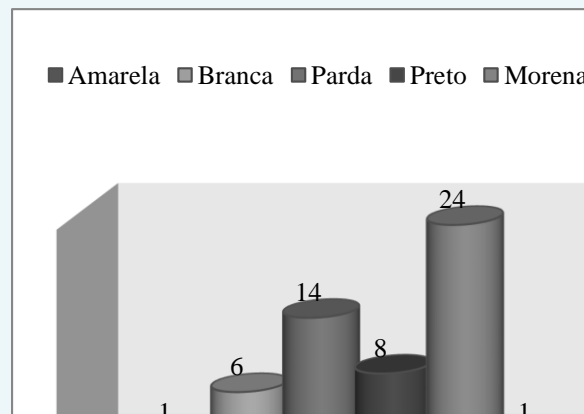
sexo masculino, conforme gráfico 01. O gráfico 02 mostram a caracterização dos/as jovens estudantes, considerando o pertencimento etnicoracial informados por eles/as.

Gráfico 01. Idade e sexo dos/as jovens estudantes



Fonte: Questionários (2017/2018).

Gráfico 02: Pertencimento étnico-racial informado



Fonte: Questionários (2017/2018).

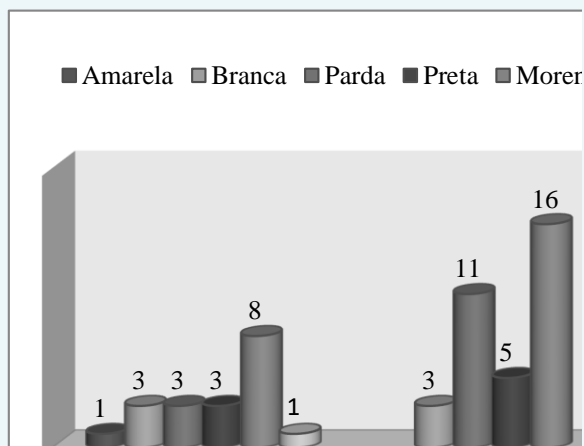
Legenda: * NR – Não respondeu

Quanto à questão étnico-racial, considerando o critério adotado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para auto-identificação em relação à cor, temos na referida série 06 estudantes autodeclarados ‘brancos’; 08 ‘pretos’ e 14 ‘pardos’. Dos/as demais estudantes, 01 se declarou ‘amarelo’, 24 estudantes na categoria ‘morena’, e 01 não respondeu. A partir dos dados dos gráficos acima e considerando como ‘negros’ os estudantes que se auto-identificaram pelas cores ‘pretos’ e ‘pardos’, temos 40,7% constituído por estudantes negros, um percentual médio 11,1% de brancos, e 44,4% de estudantes que criaram a categoria para a cor ‘morena’, além de um percentual mínimo dos estudantes que se identificam como ‘amarelo’ ou que não responderam.

De acordo com Silva (2014), a princípio, parece ser fácil e simples definir “identidade”, pois esta é simplesmente aquilo que somos, por exemplo: “sou homem”, “sou jovem”, “sou heterossexual”. Nessa mesma linha, a “diferença” também é concebida como algo que remete a si própria. “Apenas neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: [...], “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”” (SILVA, 2014, p. 74). Desse modo, para o autor, a afirmação da identidade significa demarcar fronteiras, implica dizer “o que somos” e “o que não somos”, fazer distinção entre o que fica dentro e o que fica fora.

Nesta perspectiva, os Gráficos 03 e 04 apresentam o perfil dos/as jovens estudantes considerando a relação sexo/raça/etnia e à religião informada.

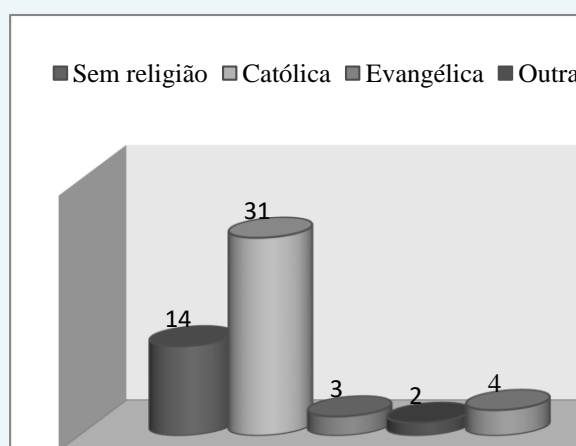
Gráfico 03: Relação gênero e raça/etnia



Fonte: Questionários (2017/2018).

Legenda: * NR – não respondeu

Gráfico 04: Religião informada pelos/as estudantes



Fonte: Questionários (2017/2018).

Legenda: * NR – não respondeu

Sobre a relação entre o gênero e à raça/etnia, têm-se: para o gênero feminino, 16 meninas que se autodeclararam ‘morenas’, 03 se definiram como ‘brancas’, 11 ‘pardas’ e 05 ‘negras’, enquanto que os estudantes do gênero masculino 08 são ‘morenos’, 03 se autodeclararam ‘brancos’, 03 ‘negros’, 03 se definiram como ‘pardos’, 01 ‘amarelo’ e ainda, 01 que não respondeu. Considera-se o conceito de gênero, neste estudo, como aquilo que identifica e diferencia, socialmente, os homens das mulheres. O termo gênero refere-se à construção social do sexo biológico.

Quanto à identidade religiosa, em sua maioria, os/as estudantes declararam ter alguma religião e, analisando cada denominação religiosa, tem-se um quadro formado por um grupo maior de estudantes que são da religião católica apostólica romana (31), seguida por um grupo que respondeu não ter religião (14). Ainda, têm-se 03 estudantes da religião evangélica, 02 que escolheram a opção “outra”, especificando que são cristãos, além de 04 que não responderam sobre sua crença religiosa.

Dependendo de como o desejo sexual e os afetos de uma pessoa se mobilizam por pessoas de outro ou do mesmo sexo, ou dos dois sexos, dizemos que a orientação sexual se define em heterossexual, homossexual ou bissexual. Ao serem questionados/as sobre a orientação sexual, dentre os/as 54 jovens estudantes do campo, apenas, 01 pessoa se declarou ‘bissexual’, 01 não respondeu, enquanto que os/as demais estudantes (52) afirmam que sentem atração sexual pelo gênero oposto, neste caso são ‘heterossexuais’. Quanto à identidade de gênero, todos/as os/as estudantes se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, portanto, ‘cisgêneros’.

A juventude é marcada pela diversidade nas condições sociais, culturais (etnia, identidade religiosa), de gênero e até geográficas (local de moradia), dentre outros aspectos. Assim, considera-se que os/as jovens estudantes têm identidades múltiplas e plurais, que ganham contornos próprios no conjunto das experiências vivenciadas em seus contextos socioculturais. Desse modo, foi preciso caracterizá-los/as a partir da intersecção de diversas categorias, visto que se forem consideradas de forma isolada implicará na constituição de um perfil linear, dicotomizado, sob a lógica binária, impedindo um olhar interseccionalizado.

Para Helena Hirata (2014), a “interseccionalidade é uma proposta para levar em conta as múltiplas fontes da identidade [...]” (HIRATA, 2014, p. 62) e, como elas se intersectam formando identidades fragmentadas e em constante movimento. A autora aborda que este conceito foi desenvolvido nos países anglo-saxônicos dentro de um quadro interdisciplinar, proposto por K. Crenshaw e outras pesquisadoras feministas negras, no início dos anos de 1990.

Sobre a situação familiar e aspectos socioeconômicos, a partir dos dados da pesquisa, identifica-se que 81,5% dos/as estudantes moram em casa própria e, ao serem questionados/as com quem moram, os/as jovens revelaram uma realidade familiar complexa, que é manifestada nas formas de organização familiar, pelas diversas configurações, com muitos/as deles/as morando apenas com o pai ou a mãe ou mesmo com a avó. Dos/as estudantes que responderam ao questionário, 15 (27,7%) moram com o pai ou a mãe; 27 estudantes moram com o pai e a mãe, junto com outros membros da família, no caso irmãos; 04 convivem com os avós, 03 com a mãe e o padrasto; 04 moram com o/a companheiro/a e 01 com a sogra.

Diante da realidade apresentada, não se pode utilizar de um discurso de senso comum, o qual atribui a uma suposta “desestruturação familiar”, ao considerar uma compreensão rígida e patriarcal da estrutura familiar tradicional, pois, desta forma, contraria à diversidade e às transformações da sociedade, na contemporaneidade e, conseqüentemente, as mudanças que vêm ocorrendo nas famílias. Observa-se que o modelo de família tradicional foi suprimido por um novo perfil, assim como surgiram diferentes constituições, pois, sendo produto de evolução histórica e de organização entre os sujeitos, a família retrata as relações estabelecidas na sociedade.

Sobre a realidade familiar, os/as jovens estudantes pesquisados/as, na sua maioria, integram famílias que estão situadas nos setores empobrecidos da população e, a partir dessas informações, destacamos que, apesar de todos os avanços sociais com o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a superação da pobreza, nos últimos anos, a questão da renda

ainda permanece sendo um forte fator de desigualdade social. Quando foram questionados/as pela renda familiar aproximada, incluindo a renda de todas as pessoas que vivem na casa, a grande maioria dos/as estudantes (24) não sabe ou preferem não responder.

Dito de outro modo: 44,5% deles/as não têm conhecimento sobre essa informação; 07 afirmaram que a renda da família é menos de um salário mínimo (13%); 14 afirmam estar em famílias cuja renda mensal chega a um salário mínimo, ou seja, 26%; 03 jovens estudantes (5,5%) responderam que a renda da família é de 2 – 3 salários e 06 não responderam (11%). Sobre a família receber ou não o auxílio do Programa Bolsa família, 39 estudantes responderam que sim, 13 afirmaram que não e 02 não responderam.

Sobre as atividades realizadas pelos/as estudantes no contexto familiar, além de ajudar nos afazeres de casa, respondidos pela maioria (33) sem especificar o que fazem, outras atividades são realizadas pelos/as estudantes (12), como: faz faxina fora de casa, trabalha no caixa do mercado; ajuda o pai na roça, cuidando dos animais; molha as plantas; ajuda o pai na fabricação de doce; trabalha na irrigação/roça, ajuda o/a pai/mãe no que precisar; 01 estudante não respondeu e 08 afirmaram que não realizam atividade nenhuma.

No que tange à profissão assumida pelos membros da família dos/as estudantes, percebe-se que a maioria das famílias não possui empregos formais e sobrevivem de relações trabalhistas esporádicas, pois, em sua grande maioria, são agricultores/as, trabalhadores/as rurais e donas de casas. Além destas, outras profissões foram apresentadas, como: servidores públicos municipais (professor/a, agente comunitário de saúde) e trabalhadores autônomos nas mais diversas ocupações (ajudante de pedreiro, cabeleireiro, frentista, ajudante de mecânico, taxista, caminhoneiro, mecânico, sacoleira de roupas, decoradora) e ainda, aposentados/as.

Considerando o local de moradia, as informações dos questionários apontam que os/as 54 jovens estudantes residem em quinze (15) comunidades diferentes, com distância aproximada da escola entre 06 e 24 quilômetros. As comunidades do campo, espaços plurais de cultura, são compostas por uma diversidade de sujeitos sociais e, à medida que os/as estudantes oriundos das diversas comunidades avançam nos anos escolares e chegam ao ensino médio, acontece o deslocamento para a escola da cidade, a fim de garantir a continuidade de seus estudos.

Esse deslocamento acontece, diariamente, por todos/as os/as estudantes, através de ônibus escolares, ora da frota própria, ora alugado, assim como transportes alternativos como vans e carros pequenos, em sua maioria em condições precárias e, além disso, os/as estudantes

do campo são segregados, concentrados em um único turno, para otimizar o transporte escolar. Nesse movimento migratório de idas e voltas para ou da escola, estes sujeitos atravessam outras comunidades do campo, fazem seu itinerário de viagem, transitando pelas estradas vicinais de condições precárias, percorrem por propriedades rurais e roças que fazem parte do percurso, passam por praças, ruas, pontos comerciais, até chegar à escola.

Desta forma, a (con)vivência e a interação com os/as colegas de outras territorialidades influencia, de certo modo, a vida dos sujeitos, no processo de constituição de suas identidades, no momento em que “têm” de criar uma identidade mais adequada à escola da cidade, acontecendo o processo de hibridização. Em outras palavras, Bhabha (2013) aborda que o contexto cultural híbrido não é o espaço da síntese, mas da ambivalência, ou seja, quando pessoas ou grupos de diferentes culturas se relacionam, o que acontece não é a simples mistura, mas, sobretudo, a pluralidade de significados, que possibilita a emergência de uma multiplicidade de sentidos em interação.

Em um contexto que é de mudança e produção de novas formas de posicionamento, as identidades que são construídas pela cultura são contestadas e, como afirma Woodward (2014), são caracterizadas por conflitos, contestação e uma possível crise. Esse processo ambivalente com a migração temporária, por um turno, configura diversos “ritos de passagem” realizados pelos/as jovens estudantes quando, passam a estudar no ensino médio, num processo de transição de uma escola para outra, do campo para a cidade.

Enfim, isso expõe os/as jovens às diferenças espaciais, temporais e de convivência, existentes entre a escola do campo e a da cidade, ao mesmo tempo em que possibilita encontrar e se relacionar com colegas de outros universos socioculturais, e assim, vivenciam uma fase de tensões e negociações para sua inserção nos novos espaços e adaptação à nova realidade escolar.

Notas conclusivas

No contexto da diversidade cultural presente na escola, uma das “pistas” possíveis para a análise é que a escola, como instituição social, não pode silenciar nem invisibilizar em suas práticas pedagógicas as questões que envolvem a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual e geracional, entre outras. A proposta de se compreender a expressão da diversidade e a constituição das identidades culturais dos/as jovens estudantes do campo que estudam numa escola da cidade foi uma experiência produtora de inúmeras possibilidades de ressignificação

das práticas pedagógicas desenvolvidas no ambiente escolar, no sentido de valorizar as expectativas e necessidades dos/as estudantes, suas histórias de vida, bem como os aspectos que constituem seus universos culturais.

As informações construídas nesse processo investigativo reafirmam o que é abordado por Hall (2015), de que os/as jovens estudantes não assumem uma posição fixa com identidades puras, unificadas e permanentes, mas tornam-se sujeitos fragmentados e híbridos que se afastam das “singularidades de classe ou gênero, como categorias conceituais e organizacionais básicas” (BHABHA, 2013, p. 20), assumindo outras posições de identidade como construções híbridas.

Diante do exposto e considerando as relações entre escola e cultura, inerentes a todo processo educativo, exige-se uma educação intercultural capaz de reconhecer a pluralidade de culturas presentes no contexto escolar. O espaço escolar da cidade, nesse sentido, precisa ser vivenciado de distintas formas constituindo-se como um espaço de relações sociais, como local de reafirmação das singularidades dos/as estudantes do campo e, de valorização de seus interesses e expectativas.

Assim, faz-se necessário pensar o sujeito na sua cultura e identidade como princípio da educação, como alternativa possível para problematizar as práticas pedagógicas e questionar as dificuldades dos/as professores/as em lidar com a diversidade na escola. Trata-se de pensar em uma nova escola, nova organização curricular, cujos sujeitos, jovens estudantes, homens e mulheres, etc. sejam a centralidade da cultura escolar.

Referências

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

COSTA, Marisa V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 61-73, jun. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84979>. Acesso em: 24 jan. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 27. ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2008.

PARAISO, Marlucy A. Metodologia de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. IN: MEYER, Dagmar E; PARAISO, Marlucy A. (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. IN: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOBRE AS AUTORAS

Edilânia de Paiva Silva

Mestra em Educação e Diversidade, pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Diversidade (PPED), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Coordenadora Pedagógica pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC/BA); Membro do Grupo de Pesquisa Diversidades, Formação e Contemporaneidade – DESFOCO. E-mail: edipaivasn@hotmail.com

Emanuela Oliveira C. Dourado

Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora da UNEB, DCHT, Campus XVI - Irecê e, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPED), Campus IV, Jacobina; Líder do Grupo de Pesquisa Diversidades, Formação e Contemporaneidade – DESFOCO. E-mail: emanueladourado2003@yahoo.com.br.